

DAMAS SOB A LENTE



AUTORES ORGANIZADORES:

ANDRÉIA DIAS DE SOUZA

JOÃO GUILHERME PEREIRA AMANTE

JOSÉ VÍCTOR SIMÃO GOMIDI

TAUANE FRANCINE FONSECA GOMES



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande

editora **ECO**
Didática

DAMAS SOB A LENTE

AUTORES ORGANIZADORES:

ANDRÉIA DIAS DE SOUZA
JOÃO GUILHERME PEREIRA AMANTE
JOSÉ VICTOR SIMÃO GOMIDI
TAUANE FRANCINE FONSECA GOMES

CAMPO GRANDE/MS
2025



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande

editora **ECO**
Didática

Copyright © 2025 dos autores e da Editora Ecodidática
Os direitos de edição e publicação foram cedidos à Editora Ecodidática

Esta obra está licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND). Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Editor-Chefe: Gleidson Melo

Assistente Editorial: Marta Regina da Silva-Melo

Edição e diagramação: Gleidson Melo e Marta Regina da Silva-Melo

Capa: Alta de Souza [domínio público – disponível em Media Commons]

Revisão dos textos: Profa. Dra. Andréia Dias de Souza

Ilustrações: Ana Vitória Farias Vicente, Cássio dos Santos Ambrósio Porto, Emanuele Candido Pimenta, Isabelly de Souza Diniz, Lucas Eduardo Fernandes da Silva, Maria Isabel Moura Teixeira e Tauane Francine Fonseca Gomes.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Damas sob a lente [livro eletrônico] / Andréia Dias de Souza... [et al.]. -- 1. ed. -- Campo Grande, MS : Editora Ecodidática, 2025.
PDF

Outros autores: João Guilherme Pereira Amante, José Victor Simão Gomidi, Tauane Francine Fonseca Gomes.

Bibliografia.
ISBN 978-65-85640-16-9

1. Escritoras brasileiras – Biografia 2. Escritoras brasileiras – Crítica e interpretação 3. Escritoras negras – Brasil 4. Mulheres negras na literatura I. Souza, Andréia Dias de. II. Amante, João Guilherme Pereira. III. Gomidi, José Victor Simão. IV. Gomes, Tauane Francine Fonseca.

25-307036.0

CDD-869.98

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritoras brasileiras : Análise crítica : Literatura brasileira 869.98
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

DOI: 10.56713/editoraecodidatica/85640169

Editora Ecodidática: <https://editoraecodidatica.com.br>

E-mail: contato@editoraecodidatica.com.br

WhatsApp: +55 67 3211-2328

Instagram: <https://www.instagram.com/editoraecodidatica.com.br>



*“O que me preocupa não é o grito dos
maus. É o silêncio dos bons.”
– Martin Luther King*



Sumário

Introdução	7
Conhecendo as escritoras	11
Auta de Souza.....	13
Auta de Souza: uma poetisa mística e profunda da literatura brasileira	14
Carolina Maria de Jesus.....	24
Carolina Maria de Jesus: uma voz de resistência e superação	25
Maria Firmina dos Reis.....	47
Maria Firmina dos Reis: a primeira romancista negra do Brasil	48

Mme. Chrysanthème	52
Mme. Chrysanthème: desafiando as convenções do século XIX	53
Roteiro.....	56
Cenas	57
Narcisa Amália.....	62
Narcisa Amália: vozes em “Nebulosas” – um legado de resistência e poesia	63
Emília Moncorvo Bandeira de Mello	70
Emília Moncorvo: Carmen Dolores	71
Roteiro.....	74
Cenas	75
Referências consultadas	80
Agradecimentos e encerramento	85
Sobre os autores	87

Introdução

É essencial compreender como o cinema mudo se relaciona com o contexto do projeto *Damas Literárias: Sob a Lente do Cinema Mudo*. Pois só então poderemos explorar como desenvolver ilustrações que remetam a essa fascinante expressão da sétima arte.

O cinema surgiu na década de 1890. A primeira exibição pública de um filme aconteceu com o título *Arrival of a Train at La Ciotat Station*, realizada pelos irmãos Lumière em 1895. Esse evento marcou o início de uma revolução cultural, proporcionando ao público uma experiência inédita de entretenimento. Embora rudimentar pelos padrões atuais, a novidade rapidamente conquistou espaço, desenvolvendo-se de forma gradual até se tornar uma forma popular de lazer, que permanece até a atualidade, o que contrariou o que muitos diziam, na época, como algo passageiro.

Naquela época, não se tinha um aparelho de reprodução de áudio para as vozes dos atores junto ao de vídeo, e essas limitações tecnológicas da época impediram a inclusão de diálogos falados nos filmes, o que precisou ser

adaptado de alguma forma para que o conteúdo ainda fosse transmitido. Para que as mensagens ainda fossem transmitidas, os cineastas equilibraram a ausência de voz com o exagero visual. Muitos gestos e expressões exageradas, junto com uma trilha sonora de fundo específica, complementavam-se em uma atmosfera que consolidou uma comunicação universal ao cinema mudo.

No *Damas literárias: sob a lente*, objetivamos dar visibilidade às escritoras historicamente silenciadas pelo machismo e patriarcado, que se fazem muito presentes na sociedade clássica e contemporânea, e, através dessa visibilidade, romper a censura e combater a opressão das mulheres difundida por todo o mundo. Tentando, dessa forma, abrir a visão daqueles que tiveram contato com o nosso trabalho para enxergar uma realidade antes oculta.

O cinema mudo faz paralelo ao projeto, pois, em meio ao silêncio, abre uma porta para uma comunicação universal por meio da parte visual; portanto, utilizar a arte, especificamente do cinema mudo para dar voz às mulheres silenciadas, é utilizar o silêncio como ferramenta de resistência, e não mais como ferramenta de opressão, que ao mesmo tempo que ajuda no combate, faz uma sátira sutil do problema.

Para consolidar a ideia de juntar autoras silenciadas com o potencial transformador do cinema mudo, devemos analisar atividades que se conectem com o universo da sétima arte, notar que temos recursos para fazer algumas dessas atividades, planejar como essas serão, por sua vez, feitas, e, por fim, executá-las.

Como estamos trabalhando com o cinema mudo, precisamos nos atentar para quais são suas características e elementos, para que consigamos trabalhar em cima disso. Diante desse cenário, realizamos uma análise do filme “Tempos Modernos”, contexto da revolução industrial, em uma era marcada pelo trabalho mecanizado, desumano, tratando humanos como máquinas. O filme é conduzido por Charlie Chaplin, no papel de um trabalhador industrial, que vivencia essa realidade. Considera-se Tempos Modernos como sendo um dos filmes mais icônicos do cinema mudo, oferecendo uma rica oportunidade para analisar e resgatar elementos para o contexto do nosso projeto, além de que o filme faz uma crítica à desumanização do trabalho nas indústrias, e podemos assim, observar como fazer críticas sociais, assim como o filme da análise fez.

A sétima arte, mais conhecida como o cinema mudo, surgiu no final do século XIX e permaneceu até 1920, período de três décadas. O filme que analisamos, no entanto, consta como lançado em 1936, o que demonstra que Chaplin utilizou os elementos da sétima arte mesmo após o seu auge, e apesar do raro uso de som e diálogos, ele optou por manter o silêncio pela maior parte do filme, isso se deu pela universalidade de linguagem dos filmes mudos, então pessoas do mundo todo poderiam ter acesso e entender a mensagem, mesmo sendo de línguas e culturas distintas.

Durante a análise, encontramos diversos elementos. Vamos separar os dados entre todos os elementos, e elementos úteis ao projeto.

Elementos presentes no filme: linguagem corporal e expressões faciais exageradas, uso de “gags visuais” e “slapstick” – que são situações absurdas e cômicas –, montagem planejada, música e efeitos sonoros em momentos-chave para maior envolvimento e intensidade, uso de intertítulos para contextualizar e complementar a história com informações, críticas sociais por meio da sátira e por fim, a universalidade. Os elementos mais importantes para o projeto, tendo em vista que focaremos, principalmente, por meio da representação por ilustrações, são: linguagem corporal e expressões faciais, universalidade e críticas satíricas, tendo em vista que o uso de outros elementos pode ser melhor aplicado apenas com o uso de vídeos.

Assim como o cinema mudo transcendeu as barreiras linguísticas, esperamos que o nosso trabalho transcenda o espaço acadêmico, e vá além, inspire debates e discussões sobre esse e outros temas, dê voz a quem precisa, abra novos horizontes, crie um diálogo entre a arte e as histórias perdidas, com criatividade e representatividade.



Conhecendo as escritoras

Auta de Souza

Carolina Maria de Jesus

Maria Firmina dos Reis

Mme. Chrysanthème

Narcisa Amália

Emília Moncorvo Bandeira de Mello

Nesta seção, introduziremos o contexto da vida de cada autora trabalhada. Para que possamos mais tarde, já com esse repertório, apresentar o que foi desenvolvido. Na forma de um convite à empatia, ao pensamento crítico, à revalorização de presenças invisibilizadas, silenciadas ou deixadas à margem da história.



Auta de Souza

Auta de Souza: uma poetisa mística e profunda da literatura brasileira

Avocação de Auta de Souza na literatura foi muito precoce, assim como em sua educação, que, enquanto jovem, adquiriu habilidades linguísticas e artísticas, como, por exemplo, francês, inglês, literatura e música no Colégio São Vicente de Paula, situado onde nasceu – na cidade nordestina de Macaíba, no estado do Rio Grande do Norte.

Sua educação robusta foi incomum para as mulheres da época, em especial para regiões do interior do Brasil, mas ela não só viveu com toda essa facilidade, pois sua riqueza nos detalhes, sensibilidade artística e vocação na literatura não se deu apenas por isso, porque desde muito nova, também enfrentou desafios imensos.

Nascida em 12 de setembro de 1876, foi criada com muito afeto pela avó materna, pois com apenas três anos perdeu a sua mãe, e, no ano posterior, o seu pai, acometidos pela tuberculose. A conexão de eventos trágicos se perpetuou na vida de Auta, mostrando o quanto que a adversidade moldou sua escrita, pois, apenas aos 14 anos, ela foi diagnosticada com tuberculose, também, o que limitou ainda mais as suas oportunidades de avanço acadêmico formal, mas, diferente-

mente do que muitos fariam, ela decidiu persistir, iniciando seus estudos autodidatas, mergulhando nos livros e utilizando esses eventos trágicos, associados à literatura, para alimentar seu espírito criativo, e criar obras que ressoassem por gerações.

A sua contribuição mais significativa para a literatura brasileira foi sua coletânea de poemas, intitulada *Horto*, publicada em 1900, marcando sua carreira e revelando a natureza de sua escrita. A coletânea é celebrada por sua profundidade emocional, reunindo temas como dor, sofrimento e perda, inspirados em vivências que a marcam desde criança; e, além disso, ela também contribuía com jornais e revistas, o que a fez ela não só importante e reconhecida, mas parte do cotidiano dos brasileiros. Essa habilidade sempre presente na escrita de Auta, de utilizar literatura para traduzir sentimentos e mensagens com sensibilidade e profundidade, foi essencial para conquistar espaços literários dominados pelo sexo masculino, o que fez dela uma figura respeitada. Como se pode observar, seu estilo de escrita dialoga sobre temas como: sofrimento, amor frustrado e religiosidade. Tudo isso com um repertório de vivências pessoais da escritora.

Auta teve uma trajetória breve, mas recheada de adversidades e obstáculos imensuráveis. Sua literatura foi, no entanto, marcante e profunda, pioneira em meio ao silenciamento, abrindo espaços para novas histórias, testemunhando o poder da literatura para romper barreiras sociais.

Além de sua relevância como poetisa, Auta de Souza é lembrada como figura simbólica da luta por igualdade e valorização do talento feminino na cultura brasileira. Por meio

de sua poesia, ela permanece viva na memória cultural do país, eternizando-se como uma das grandes vozes da literatura brasileira. A escritora faleceu prematuramente, com apenas 24 anos de idade, em 7 de fevereiro de 1901.

O *Damas literárias: sob a lente* busca dar voz às histórias de escritoras femininas que foram perdidas no tempo por meio do cinema mudo. Auta tinha habilidade de transcrever emoções em poemas, e, como o cinema mudo tem a capacidade de transmitir emoções e mensagens pela expressividade visual, o projeto fará uma tentativa de representar os poemas e a vida de Auta por meio de elementos ilustrativos.

Nesse contexto, a Figura 1 apresenta um retrato de Auta Henriqueta de Souza, nascida no Estado do Rio Grande do Norte, na pequena cidade de Macaíba, em 12 de setembro de 1876.

Figura 1 – Auta de Souza recém-nascida



Fonte: Ilustração de Isabelly de Sousa Diniz.

A Figura 2 ilustra Auta de Souza e o seu pai em um momento simbólico diante do túmulo de sua mãe.

Figura 2 – Auta de Souza e seu pai observando o túmulo de sua mãe



Fonte: Ilustração de Maria Isabel Moura Teixeira.

O pai de Auta faleceu quando ela tinha cinco anos de idade, no ano de 1881 (Figura 3).

Figura 3 – Auta e seu irmão em frente aos túmulos dos seus pais



Fonte: Cássio dos Santos Ambrósio Porto.

Os avós maternos de Auta recolhem-na junto com o irmãozinho, levando-os para Recife, conforme ilustra a Figura 4.

Figura 4 – Auta nos braços da sua avó em uma sala com seu irmão

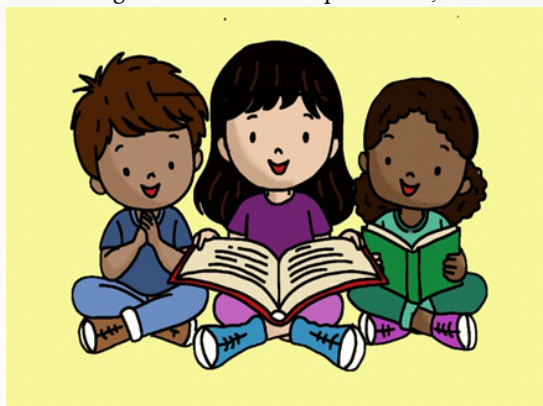


Fonte: Cássio dos Santos Ambrósio Porto.

Aos sete anos, já sabia ler e escrever, graças a um professor amigo, e, aos oito anos de idade, “lia para as crianças pobres, para humildes mulheres do povo ou velhos escravos as páginas simples e ingênuas da História de Carlos Magno”.

A Figura 5 ilustra um momento em que Auta faz leitura para crianças.

Figura 5 – Auta lendo para crianças



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.

Na noite de 15 de fevereiro de 1887, Auta tinha dez anos quando seu irmão Irineu veio a falecer por uma lamparina de querosene que explodiu, conforme ilustra a Figura 6.

Figura 6 – Irineu ao lado de uma lamparina em chamas



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.

Aos doze anos inicia seus estudos oficiais no Colégio São Vicente de Paulo, onde aprende o idioma francês, o que lhe permite ler os mestres da literatura francesa no original. Durante dois anos, estuda, recita, verseja, ajuda as irmãs do colégio e, principalmente, aprimora sua fé na leitura constante do Evangelho (Figura 7).

Figura 7 – Auta sentada estudando com outras mulheres



Fonte: Ilustração de Emanuelle Candido Pimenta.

Auta, em seus momentos de introspecção, ao abrir um livro, busca conhecimento, conforme ilustra a Figura 8.

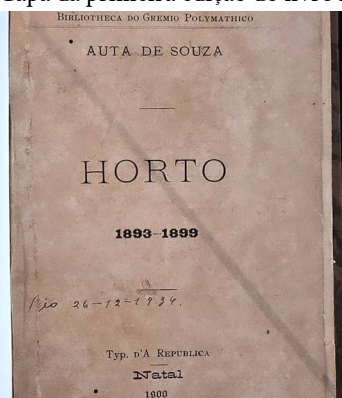
Figura 8 – Auta de Souza em busca do conhecimento



Fonte: Ilustração de Emanuelle Candido Pimenta.

O marco da carreira veio com a publicação da coletânea de poemas, *Horto*, em 1900, uma obra que se consolidou como sua contribuição mais significativa à literatura brasileira (Figura 9).

Figura 9 – Capa da primeira edição do livro *Horto* (1900)



Fonte: Biblioteca Peck Pinheiro (@biblioteca.peck.pinheiro), via Instagram.

O poema “Vem e ajuda”, psicografado por Francisco Cândido Xavier, encontra-se na obra intitulada *Vozes do grande amor*. O poema é atribuído ao espírito de Auta de Souza e foi publicado em 1931. O poema é apresentado ao fundo da imagem de Auta com livros em mãos (Figura 10).

Figura 10 – Auta com livros nas mãos, ao fundo, o poema “Vem e ajuda”

VEM E AJUDA

Repara, além das rosas do teu horto,
Onde a luz do teu sonho brilha e mora,
Os Romeiros que seguem, vida a fora,
Padecendo aflição e desconforto.

Infortunados náufragos sem porto,
Tristes, rogando a paz de Nova Aurora,
Levam consigo a dor que clama e chora
Sob as chagas do peito quase morto...

Não te detenhas!... Vem, socorre e ajuda
A multidão que passa, inquieta e muda,
Implorando-te amor, consolo e abrigo!

Reparte o pão que te enriquece a mesa,
Estendendo o teu horto de beleza,
E o Mestre amado habitará contigo

Auta de Souza

Médium: Francisco Cândido Xavier

VEM E AJUDA

Repara, além das rosas do teu horto,
Onde a luz do teu sonho brilha e mora,
Os Romeiros que seguem, vida a fora,
Padecendo aflição e desconforto.

Infortunados náufragos sem porto,
Tristes, rogando a paz de Nova Aurora,
Levam consigo a dor que clama e chora
Sob as chagas do peito quase morto...

Não te detenhas!... Vem, socorre e ajuda
A multidão que passa, inquieta e muda,
Implorando-te amor, consolo e abrigo!

Reparte o pão que te enriquece a mesa,
Estendendo o teu horto de beleza,
E o Mestre amado habitará contigo

Auta de Souza

Médium: Francisco Cândido Xavier

VEM E AJUDA

Repara, além das rosas do teu horto,
Onde a luz do teu sonho brilha e mora,

VEM E AJUDA

Repara, além das rosas do teu horto,
Onde a luz do teu sonho brilha e mora,
Os Romeiros que seguem, vida a fora,
Padecendo aflição e desconforto.

Infortunados náufragos sem porto,
Tristes, rogando a paz de Nova Aurora,
Levam consigo a dor que clama e chora
Sob as chagas do peito quase morto...

Não te detenhas!... Vem, socorre e ajuda
A multidão que passa, inquieta e muda,
Implorando-te amor, consolo e abrigo!

Reparte o pão que te enriquece a mesa,
Estendendo o teu horto de beleza,
E o Mestre amado habitará contigo

Auta de Souza

Médium: Francisco Cândido Xavier

VEM E AJUDA

Repara, além das rosas do teu horto,
Onde a luz do teu sonho brilha e mora,
Os Romeiros que seguem, vida a fora,
Padecendo aflição e desconforto.

Infortunados náufragos sem porto,
Tristes, rogando a paz de Nova Aurora,
Levam consigo a dor que clama e chora
Sob as chagas do peito quase morto...

Não te detenhas!... Vem, socorre e ajuda
A multidão que passa, inquieta e muda,
Implorando-te amor, consolo e abrigo!

Reparte o pão que te enriquece a mesa,
Estendendo o teu horto de beleza,
E o Mestre amado habitará contigo

Auta de Souza

Médium: Francisco Cândido Xavier

VEM E AJUDA

Repara, além das rosas do teu horto,
Onde a luz do teu sonho brilha e mora,

Repara, além d
Onde a luz do
Os Romeiros q
Padecendo afli

Infortunados n
Tristes, rogand
Levam consigo
Sob as chagas

Não te detenha
A multidão que
Implorando-te

Reparte o pão
Estendendo o t
E o Mestre am

Auta de Souza

Médium: Franc

VEM E AJUDA

Repara, além da
Onde a luz do t
Os Romeiros qu
Padecendo afliç

Infortunados ná
Tristes, rogand
Levam consigo
Sob as chagas d

Não te detenhas
A multidão que
Implorando-te a

Reparte o pão q
Estendendo o te
E o Mestre ama

Auta de Souza

Médium: Franci

VEM E AJUDA

Repara, além das ro



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.

A Figura 11 ilustra Auta de Souza no seu leito de morte, revelada por uma expressão serena.

Figura 11 – Auta no leito de morte



Fonte: Ilustração de Lucas Eduardo Fernandes da Silva.

Auta de Souza faleceu prematuramente em 7 de fevereiro de 1901, com apenas 24 anos, na cidade de Natal. Auta é frequentemente lembrada como uma figura simbólica da luta por igualdade e pela valorização do talento feminino na cultura brasileira.



Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus: uma voz de resistência e superação

Carolina Maria de Jesus veio de uma família negra e pobre. Enfrentou muitas dificuldades desde cedo, incluindo o racismo. Inspirada pelas histórias que ouvia do seu avô, desenvolveu um amor pela leitura e pela escrita, transformando os seus desafios em criatividade e força para resistir.

Nascida em 1914, em Sacramento, Minas Gerais, Carolina conseguiu estudar na escola Allan Kardec em 1923, graças à ajuda de uma lavadeira chamada Maria Leite Monteiro de Barros, cuja profissão era a mesma de sua mãe.

A escola, considerada como a primeira instituição espírita do Brasil, fez com que Carolina tivesse uma chance incrível de aprender. No entanto, desde cedo Carolina precisava conciliar trabalho e o estudo, o que prejudicou o seu crescimento acadêmico. Pouco tempo depois, a família se mudou para uma fazenda e ela teve que deixar a escola muito cedo. Sem poder continuar os estudos de forma regular, ela decidiu aprender sozinha por métodos autodidatas, lia sempre muito e estudava por conta própria. Sua determinação foi grande o suficiente para que, mesmo sem as con-

dições ideais, ela conseguisse se tornar uma das escritoras mais importantes do Brasil.

Após a morte de sua mãe, Carolina decidiu se mudar para São Paulo em busca de uma vida melhor para ela e para seus filhos. Isso ocorreu em 1937, quando a cidade estava se modernizando, mas ao mesmo tempo em que também crescia a desigualdade social.

Grávida e sem emprego fixo, ela foi morar na favela do Canindé – uma das mais pobres da cidade –, ela vivia lá com os seus três filhos em condições muito precárias, sem luz elétrica e sofrendo com as enchentes frequentes, e, em meio a essa vida, Carolina vivia como catadora de recicláveis para sustentar a família – um trabalho muito pesado, mas era a única forma de garantir comida para os filhos – mesmo com tantas dificuldades, ela nunca deixou de escrever, utilizando pedaços de cadernos velhos e papéis encontrados no lixo, lá ela registrava o seu dia a dia na favela.

Esses escritos mais tarde se transformaram no livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, lançado em 1960. A obra mostrou de forma real e dura a vida nas favelas e fez sucesso no Brasil e no mundo, sendo traduzida para 16 idiomas e vendendo mais de 40 mil cópias. Para mais que escritora, Carolina também era compositora, cantora, poetisa, costureira e dramaturga, sua arte refletia as dificuldades e a luta das mulheres negras e pobres no Brasil. Dentre as suas obras mais conhecidas estão *Quarto de despejo*, lançado em 1960, que é uma obra que conta sobre a sua vida e dificuldades na favela, *Casa de alvenaria*, lançado

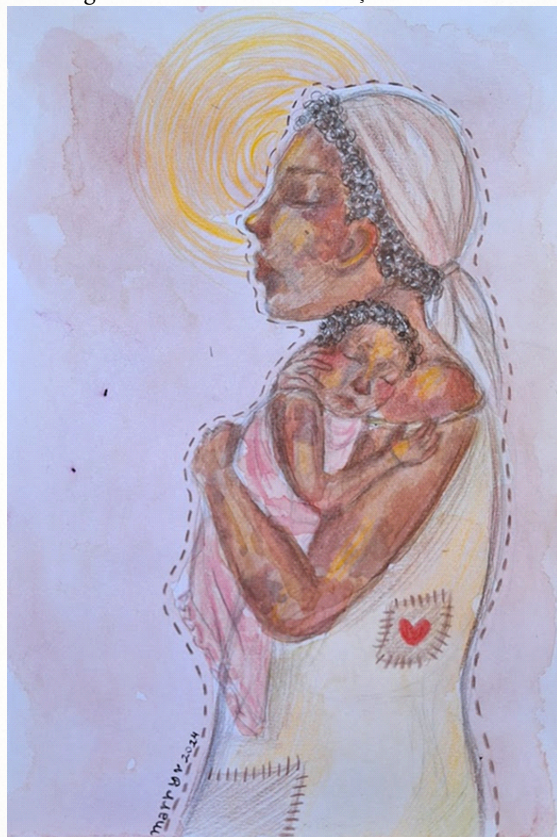
em 1961, que narra a sua vida após conseguir sair da favela – devido ao sucesso do seu primeiro livro, *Quarto de despejo* – e os novos desafios que lá enfrentava, *Pedaços de fome*, lançado em 1963, que é um romance que fala sobre a fome e a miséria; e *Provérbios*, lançado em 1963, que é uma coleção de pensamentos e reflexões sobre a resistência e a sabedoria popular.

Durante a sua história, Carolina sofreu com o racismo, a desigualdade social e o machismo, mas transformou sua dor em arte e resistência. Sua escrita carregava a dureza da realidade por meio da fluidez da literatura, para que fosse esclarecida a realidade em que ela e outras mulheres viviam para aqueles que possuem suficiente ignorância para não poderem enxergá-la, mostrando que, mesmo nas piores condições, é possível lutar por dignidade e justiça, sendo a sua vida um exemplo de superação e coragem. Carolina Maria de Jesus morreu em 13 de fevereiro de 1977, de forma silenciosa, mas deixou um legado que continua vivo. Suas obras seguem sendo lidas e estudadas, e sua luta deve ser lembrada como símbolo de resistência contra uma sociedade elitista, racista e patriarcal.

A conexão entre Carolina Maria de Jesus e o projeto Damas Literárias: Sob a Lente se dá a partir do momento em que Carolina utilizava a sua arte para denunciar injustiças e dar voz às pessoas, pois, de certo modo, assim como ela, o cinema mudo fazia críticas sociais em alguns filmes, por meio da arte, simplesmente utilizando gestos e expressões para fazer sátiras com problemas sociais e fazer convites à reflexão.

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914, em Sacramento, Minas Gerais. A ilustração da Figura 12 retrata Carolina nos braços de sua mãe.

Figura 12 – Carolina nos braços de sua mãe



Fonte: Ilustração de Maria Isabel Moura Teixeira.

A senhora Maria Leite Monteiro de Barros, patroa da mãe de Carolina, pagou seus estudos no colégio Allan Kardec, durante dois anos, conforme ilustra a Figura 13.

Figura 13 – Matrícula de Carolina no colégio Allan Kardec



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.

O avô de Carolina Maria de Jesus faleceu no ano de 1924, conforme ilustrado na Figura 14.

Figura 14 – Carolina lamentando a morte do avô



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.

A vida árdua é marcada por uma trajetória de desafios e dificuldades. Assim, Carolina Maria de Jesus vai para Franca, onde trabalhou como lavradora e empregada doméstica (Figura 15).

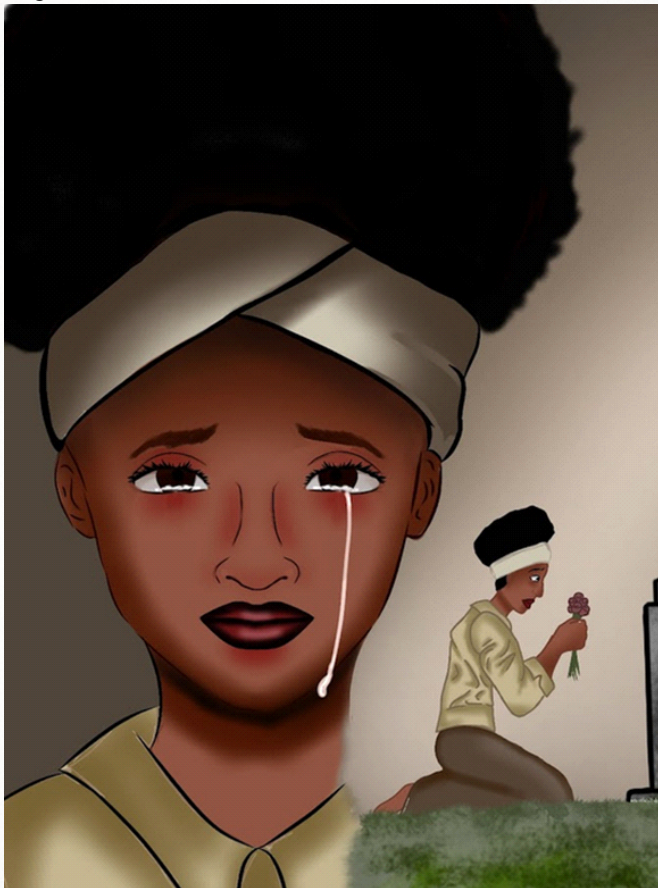
Figura 15 – Carolina em sua lida no campo



Fonte: Ilustração de Emanuelle Candido Pimenta.

A sua mãe faleceu no ano de 1937. A Figura 16 apresenta uma ilustração de Carolina Maria de Jesus chorando no túmulo de sua mãe.

Figura 16 – Carolina chora em luto devido à morte de sua mãe



Fonte: Ilustração de Emanuelle Candido Pimenta.

Em busca de uma vida melhor, Carolina Maria de Jesus chega a São Paulo no dia 31 de janeiro de 1947. Ao desembarcar, apresenta um sorriso (Figura 17).

Figura 17 – Carolina sorrindo ao chegar a São Paulo



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.

Em 1949, nasce o primeiro filho, João José de Jesus. A Figura 18 retrata o filho João nos braços de Carolina.

Figura 18 – Carolina com seu primeiro filho nos braços



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.

Em 1950, nasceu o segundo filho, José Carlos de Jesus. A Figura 19 ilustra Carolina amamentando seu filho.

Figura 19 – Carolina amamentando o segundo filho



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.

Em 1953, nasceu o terceiro dos filhos, a filha Vera Eunice de Jesus. A Figura 20 ilustra Carolina Maria de Jesus com a filha nos braços.

Figura 20 – Carolina com sua filha Vera nos braços



Fonte: Ilustração de Emanuelle Candido Pimenta.

A Figura 21 apresenta a capa do livro intitulado *Quarto de despejo: diário de uma favela*, de Carolina Maria de Jesus. O livro foi publicado pela Editora Francisco Alves, no ano de 1960.

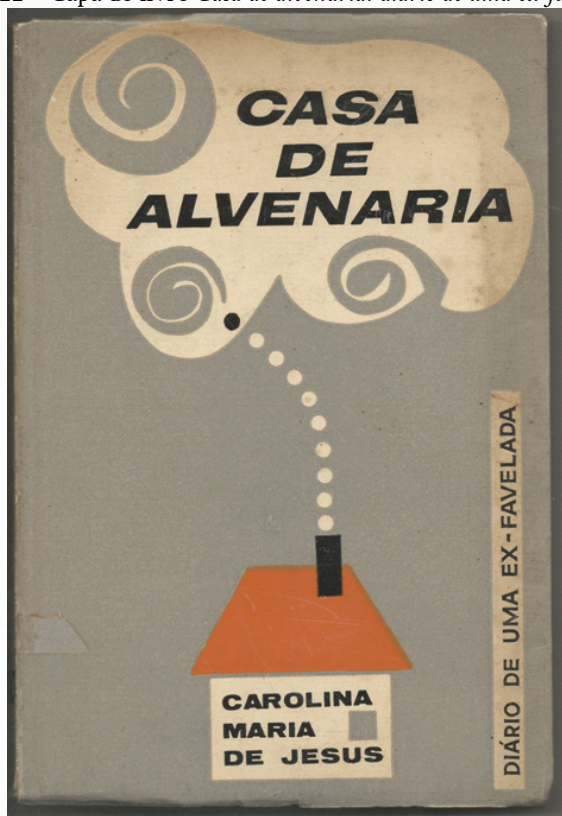
Figura 21 – Capa do livro *Quarto de despejo: diário de uma favela*



Fonte: Instituto Moreira Salles (carolinamariadejesus.ims.com.br/quarto-de-despejo).

A obra *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, 1961, publicada pela Editora Paulo, compõe o diário de Carolina Maria de Jesus (Figura 22).

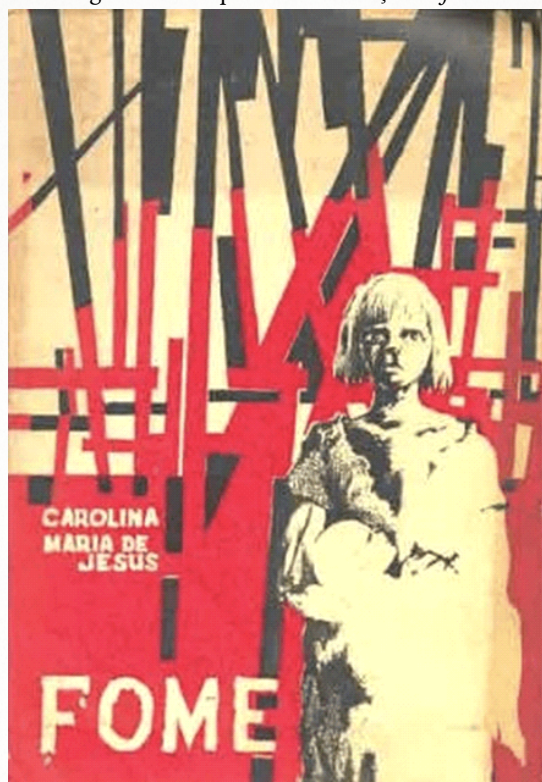
Figura 22 – Capa do livro *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*



Fonte: Instituto Moreira Salles (carolinamariadejesus.ims.com.br/casa-de-alvenaria).

O romance *Pedaços da fome*, 1963, foi publicado por Carolina Maria de Jesus (Figura 23).

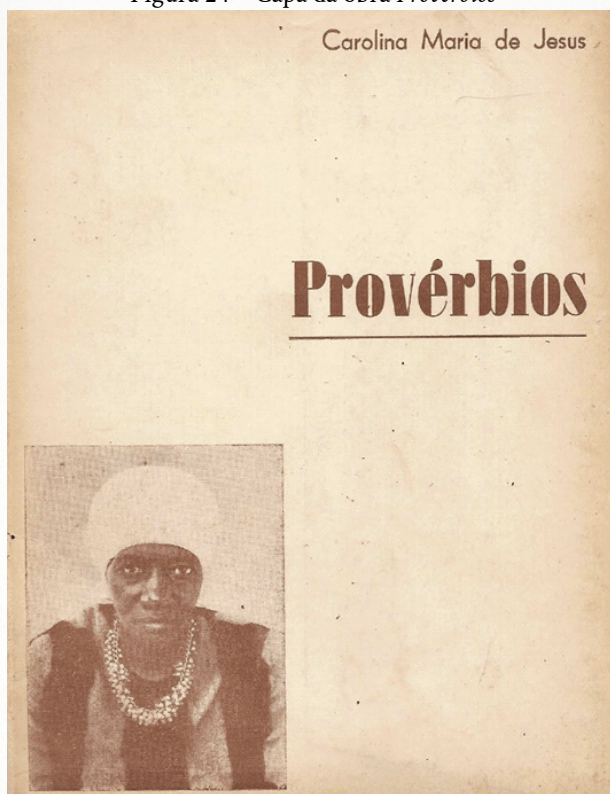
Figura 23 – Capa da obra *Pedaços da fome*



Fonte: Instituto Moreira Salles (carolinamariadejesus.ims.com.br/obra-mais-livro).

Assim como o livro *Pedaços da fome*, o livro *Provérbios* foi publicado de forma independente. A Figura 24 apresenta a capa do livro *Provérbios*, 1963, de Carolina Maria de Jesus.

Figura 24 – Capa da obra *Provérbios*



Fonte: Instituto Moreira Salles (carolinamariadejesus.ims.com.br/obra-mais-livro).

Carolina Maria de Jesus deixa a favela do Canindé e vai morar nos fundos da casa de um amigo, em Osasco, São Paulo. A Figura 25 ilustra Carolina em um momento de leitura em sua rede de dormir.

Figura 25 – Carolina em um momento de leitura

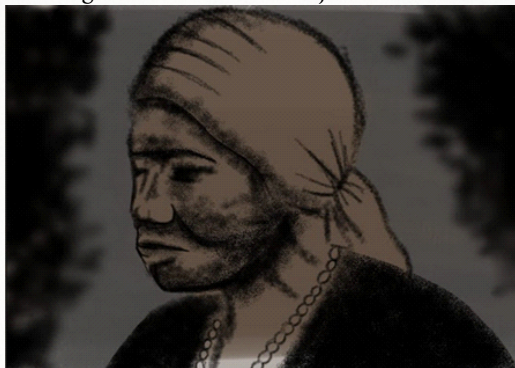


Fonte: Ilustração de Emanuelle Candido Pimenta.

A alemã Christa Gottmann-Elter dirige o documentário intitulado “Favela: a vida na pobreza”, tendo como protagonista Carolina Maria de Jesus. Segundo relatos, a censura, própria da ditadura militar, proibiu a exibição do documentário no Brasil.

A Figura 26 ilustra um retrato de Carolina Maria de Jesus em um jornal de 1972.

Figura 26 – Carolina em jornal de 1972



Fonte: Ilustração de Lucas Eduardo Fernandes da Silva.

Entre 1960, ano de publicação do livro *Quarto de despejo: diário de uma favela*, e o ano de 1965, a obra teve sua tradução em vários países, a saber: Argentina, Inglaterra, Itália, França, Suécia, Holanda, Dinamarca, Hungria, Polônia, Romênia, Japão, Cuba, Estados Unidos, a então Alemanha Ocidental e a então Tchecoslováquia. A Figura 27 ilustra Carolina Maria de Jesus em um momento de autógrafa do seu livro.

Figura 27 – Carolina em um momento de autógrafa



Fonte: Ilustração de Lucas Eduardo Fernandes da Silva.

Acometida por insuficiência respiratória, Carolina Maria de Jesus faleceu aos 63 anos de idade, em Palheiros, São Paulo. Sabe-se que, em última despedida, seu velório reuniu uma multidão de pessoas, conforme ilustra a Figura 28.

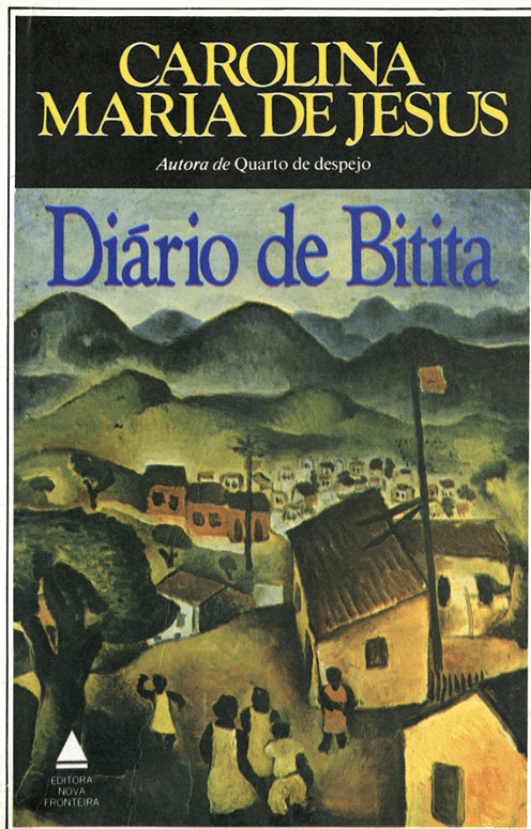
Figura 28 – Funeral de Carolina Maria de Jesus



Fonte: Ilustração de Emanuelle Candido Pimenta.

A Figura 29 apresenta a capa da obra intitulada *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus. Este livro foi publicado pela Editora Nova Fronteira, em 1986, depois de ser traduzido da versão francesa *Le journal de Bitita*.

Figura 29 – Capa da obra *Diário de Bitita*



Fonte: Instituto Moreira Salles (carolinamariadejesus.ims.com.br/diario-de-bitita).

A Figura 30 apresenta a capa da obra intitulada *Meu estranho diário*, de Carolina Maria de Jesus. Este livro foi publicado pela Editora Xamã Publisher, em 1996.

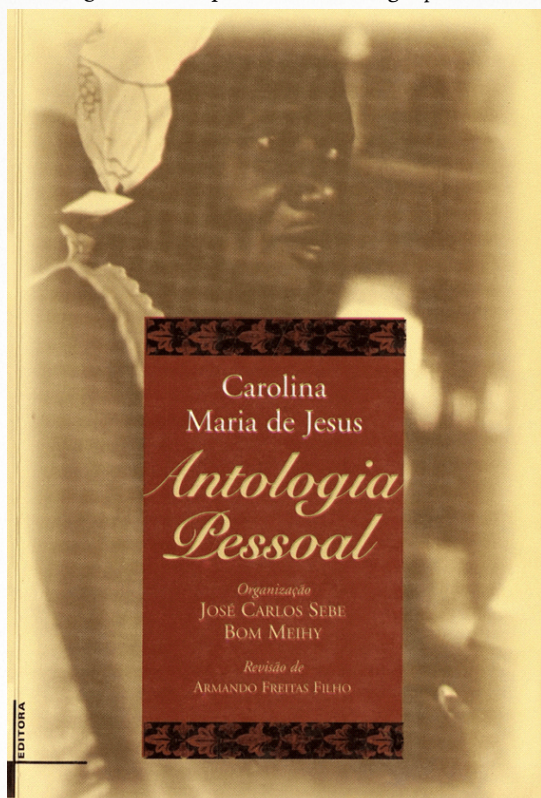
Figura 30 – Capa da obra *Meu estranho diário*



Fonte: Instituto Moreira Salles (carolinamariadejesus.ims.com.br/obras-mais-livros).

A obra intitulada *Antologia pessoal* foi publicada em 1996, pela editora da UFRJ, e compõe uma coletânea de poemas escritos por Carolina Maria de Jesus (Figura 31).

Figura 31 – Capa da obra *Antologia pessoal*



Fonte: Instituto Moreira Salles (carolinamariadejesus.ims.com.br/obra-mais-livros).

Sob a organização de Dinha Maria Nilda e Raffaella Fernandes, em 2014, foi publicada a obra *Onde estaes felicidade?*, editada pelas Editoras Me Parió Revolução e Letraria, em parceria com a Danúbio Editora. A obra reúne contos inéditos e escritos de Carolina Maria de Jesus (Figura 32).

Figura 32 – Capa da obra *Onde estaes felicidade?*



Fonte: Instituto Moreira Salles (carolinamariadejesus.ims.com.br/obra-mais-livros).



Maria Firmina dos Reis

Maria Firmina dos Reis: a primeira romancista negra do Brasil

Amaranhense Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1825, em São Luís. Filha de Leonor Felipa dos Reis, escrava alforriada, foi registrada apenas com o nome da mãe. Órfã aos 5 anos, cresceu com uma tia e estudou com a ajuda de parentes instruídos, como o tio Sotero dos Reis. Autodidata, enfrentou os desafios de ser mulher e negra e usou o conhecimento para criar uma obra que enfrentava a injustiça.

Em 1847, aos 25 anos, passou em um concurso para dar aulas em São José de Guimarães e destacou-se em um campo dominado por homens. Escolheu trabalhar em uma região com poucas oportunidades, especialmente para mulheres e pessoas negras. Em 1880, criou uma escola mista e gratuita – uma ideia que é inovadora ao mesmo tempo que extremamente polêmica para a época, o que fez com que ela enfrentasse resistência por parte de movimentos conservadores. Devido a essa resistência, a escola foi fechada cedo, mas demonstrou o quanto que Maria Firmina dos Reis era comprometida com a igualdade, até mesmo na área da educação.

Ela viveu em tempos de grandes mudanças, ao mesmo tempo que havia a luta contra a escravidão, que só acabou mesmo em 1888, houve também a Proclamação da República, em 1889. A sociedade da época era marcada pelo racismo, privilégios da elite branca, exclusão de negros, indígenas, pobres e mulheres. Nesse cenário, ela desenvolveu uma visão crítica e usou a escrita para denunciar injustiças.

Sua literatura enfrentou o racismo, o machismo e a escravidão. Ao questionar o poder e colocar pessoas excluídas no centro de suas narrativas, deu a elas sentimentos, força e profundidade, proporcionando humanidade e rompendo com os estereótipos da época. Mais que denunciar, ela mostrou caminhos de mudança, dando voz aos oprimidos por meio de sua literatura.

Uma de suas obras, *Úrsula*, publicada em 1859, como “Uma Maranhense”, foi o primeiro romance contra a escravidão do Brasil e da América Latina. A obra foca nos escravizados, mostra a violência com sensibilidade e realismo, humanizando os personagens negros e discutindo a situação das mulheres, tornando-se um marco que influenciou gerações e provocou reflexão ao desafiar o poder.

Além de *Úrsula*, a maranhense também escreveu *Gupeva*, lançado em 1861, que é uma novela que fala sobre a cultura indígena e critica os colonizadores. Também escreveu “A Escrava”, que foi lançado em 1887, sendo um conto que ataca diretamente a escravidão, mostrando a opressão e a resistência a ela; e *Cantos à beira-mar*, lançado em 1871, um conjunto de poesias que narram a vida e a natureza, sugerindo questões sociais.

A produção de Maria Firmina dos Reis foi variada, com beleza e engajamento, usando a escrita literária como uma forma de resistência e transformação.

A educação e o contato com livros ampliaram sua visão de mundo e lhe deram ferramentas para agir. Sua obra não só denunciou desigualdades, mas também deu esperança para que os oprimidos guiassem suas próprias histórias. Em 1917, morreu pobre e cega, sem o reconhecimento que merecia; sua solidão refletiu a invisibilidade de sua literatura. O preconceito de gênero, raça e classe a deixou fora do destaque por muitos anos. Mesmo assim, seu legado resistiu.

No século XX, novas edições das obras de Maria Firmina dos Reis e o crescente interesse por autores marginalizados trouxeram sua redescoberta e reconhecimento. A partir de um novo olhar sobre *Úrsula*, sua escrita passou a ser valorizada por abordar com profundidade questões raciais, sociais e de gênero, revelando uma autora que desafiava o sistema, denunciava a escravidão e defendia os direitos das mulheres e a justiça social.

Com mais atenção às vozes femininas e negras, estudos destacarão sua habilidade literária e seu papel pioneiro na construção de uma literatura mais inclusiva. Ela é reconhecida como uma das primeiras a retratar as experiências de negros e mulheres em um país marcado por narrativas predominantemente europeias e patriarcais. Seu reconhecimento continua a crescer à medida que outras vozes esquecidas são resgatadas, e a sua história conseguiu abrir espaço para que novas histórias pudessem ser contadas.

Projetos culturais, como Damas Literárias: Sob a Lente, ajudam a preservar e celebrar seu legado, destacando sua luta por justiça social e oferecendo a visibilidade que lhe faltou em vida. Hoje, Maria Firmina dos Reis é símbolo de resistência, liberdade e humanidade. Sua obra, antes ignorada, agora faz parte da base da literatura brasileira e continua inspirando quem busca um mundo mais justo.



Mme. Chrysanthème

Mme. Chrysanthème: desafiando as convenções do século XIX

Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos, conhecida pelo pseudônimo de Mme. Chrysanthème, nasceu em 1870, em um Brasil em transformação. Mesmo com a Proclamação da República em 1889, as mulheres continuavam enfrentando fortes restrições.

Chrysanthème também se destacou como uma das escritoras que rompeu diversas barreiras num meio literário dominado pelo patriarcado. Cecília teve acesso a uma educação sólida, influenciada por autores europeus e pela literatura brasileira em busca de identidade. Seu pseudônimo, inspirado na flor crisântemo, simboliza resistência e beleza – traços que definem sua trajetória e escrita.

Seu romance mais marcante, *Enervadas*, é dividido em duas partes: um diário íntimo da protagonista Lúcia e uma narrativa sobre seus conflitos internos. A obra aborda a tensão entre o desejo de liberdade e as expectativas sociais impostas às mulheres. Com estilo lírico e introspectivo, Chrysanthème antecipa técnicas modernistas, revelando a complexidade emocional feminina que a sociedade da época era incapaz de notar.

Além de *Enervadas*, a escritora escreveu crônicas e contos sobre amor, solidão e a condição da mulher. Em *A mulher dos olhos de gelo*, obra publicada em 1935, ela utiliza elementos góticos para explorar dilemas morais e existencialistas. Suas crônicas publicadas em jornais tratavam dos desafios do cotidiano das mulheres com sensibilidade, consolidando sua voz no jornalismo literário.

Foi uma das primeiras escritoras brasileiras a discutir a opressão feminina com profundidade. Suas obras desconstruíram estereótipos da sociedade em relação às mulheres, e refletiram tanto lutas individuais quanto coletivas, tornando-se referência na construção de uma identidade feminina mais livre e consciente.

A busca por autonomia e justiça social é constante em sua obra. Chrysanthème, por meio da literatura, denunciava as estruturas patriarcais e dava voz às mulheres silenciadas. Essa mesma luta aparece de forma semelhante nos filmes do cinema mudo, que, mesmo sem palavras, abordavam temas sociais profundos e faziam críticas aos problemas da sociedade que estavam retratando. Sua literatura amplia esse diálogo, oferecendo uma perspectiva íntima e crítica do ponto de vista das personagens sobre os desafios enfrentados pelas mulheres.

O seu legado vai além da literatura. Chrysanthème tornou-se símbolo de resistência e inspiração para novas gerações. Hoje, sua obra é redescoberta por estudiosos e feministas que reconhecem sua importância na história da literatura brasileira e na luta por igualdade de gênero. Mme. Chrysanthème representa um elo entre passado e presente

na luta pela emancipação feminina. Sua escrita ultrapassa o tempo, abordando temas universais como identidade, liberdade e resistência. Ao integrar sua história ao projeto Damas Literárias: Sob a Lente, cria-se uma ponte entre literatura e cinema, celebrando a contribuição de mulheres que, como ela, desafiaram o silêncio e deixaram marcas profundas na cultura.

A trajetória de Mme. Chrysanthème nos convida a fazer uma imersão sob as lentes do cinema mudo que muita história, sobretudo de resistência, nos tem contado ao longo dos tempos. À luz do projeto Damas sob a Lente, buscamos traduzir a força da palavra escrita para a expressividade da sétima arte, retratando a luta de Cecília, cujo pseudônimo é Mme. Chrysanthème em um período marcadamente avassalador, movido pela industrialização e, por consequência, pelo silenciamento da voz feminina.

As seções intituladas “Roteiro” apresentam um exercício prático dessa transcrição do literário ao cinema mudo. Por este ângulo, apresentamos um roteiro que esboça, em formato de cinema mudo, interpretações poéticas da jornada de Mme. Chrysanthème e de Emília Moncorvo Bandeira de Mello.



Roteiro

Cenas

Cenas 1, 2 e 3

Utilizar os elementos: calendário, coroa e botão de flor para iniciar a história, associando detalhes visuais com o início da história.

O calendário marca um ano antes do nascimento da escritora. Uma pequena coroa está fixada sob o calendário, que está pesando sobre o botão de uma flor. A flor de crisântemo, que representa a escritora, logo começa a florescer, tirando a coroa do lugar, quase a fazê-la cair, coroa essa que representa o Brasil Império.

Cenas 4 e 5

Cecília está na sua casa, sentada à mesa, rodeada de livros e objetos de estudo. Sua mãe observa, de longe, em silêncio. Cecília lê atentamente um livro, e a câmera se aproxima do conteúdo da página, fazendo uma transição suave para a próxima cena.

Cena 6

A jovem está em uma biblioteca, escrevendo com concentração. A câmera foca nas suas mãos e no papel, simbolizando

o início de sua jornada na literatura. A cena marca o momento decisivo em que ela dá o primeiro passo para se tornar uma escritora.

Cenas 7 e 8

Cecília está cercada por uma pilha de livros da literatura clássica europeia. Ela folheia páginas com intensidade. Motivada pelo que lê, sente o impulso de escrever, como se uma chama interna tivesse sido acesa dentro dela. Então, nós a vemos olhando para uma caneta tinteiro no canto de uma mesa.

Cenas 9, 10 e 11

Uma flor de crisântemo está delicadamente caída no chão. A câmera foca na flor (9), e então vemos os pés de Cecília se aproximando dela (10). Ela agacha e, ao pegar a flor, seu rosto se ilumina com uma expressão de “tive uma ideia”.

Cenas 12 e 13

Cecília está sentada à sua mesa, a flor de crisântemo delicadamente segurada em uma das mãos, enquanto observa sua beleza com intensidade. A câmera foca em seu rosto, capturando o momento de reflexão profunda. Ela pega o caderno à sua frente e, com uma caneta, começa a escrever lentamente o nome Chrysanthème no papel. A expressão de Cecília transita de curiosidade para uma sensação de realização, como se o pseudônimo fosse a chave para algo maior em sua jornada literária.

Cena 14

Sobre uma mesa, livros e papéis estão espalhados ao redor, em todo lugar. A única coisa que importa agora é a caneta deslizar sobre o papel. Em seu quarto, Cecília se dedica à escrita. O ambiente tranquilo, revela a dedicação de uma Cecília decidida e focada, que, apoiada sobre a mesa, escreve, tece realidades que, apesar de fictícias, também se encontram com a realidade.

Cenas 15 e 16

Cecília está de costas, observando sua mãe (Carmen Dolores) e seu pai à mesa de jantar. Seu pai, concentrado na refeição, parece distante, alheio ao que ocorre ao seu redor, enquanto Carmen Dolores, com a caneta na mão, escreve com uma expressão de total imersão. A luz suave do ambiente faz com que a cena pareça tranquila, mas Cecília está atenta a cada movimento, capturando o foco de sua mãe e a intensidade com que ela escreve.

Cecília vira lentamente, sua expressão agora iluminada por uma sensação clara de inspiração. O olhar dela se fixa em um ponto distante, talvez sua mãe ou nas palavras que estão sendo escritas, como se algo interno estivesse se acendendo. Ela sabe que está pronta para seguir o mesmo caminho.

Cena 17

Cecília está em uma sala com diversas mulheres sentadas em roda, representando uma revolução silenciosa.

Cenas 18 e 19

Cecília olha para uma janela com um olhar de satisfação. A câmera se aproxima da janela mostrando a paisagem do lado de fora.

Cenas 20 e 21

Um carteiro deixa uma carta em frente à casa de Cecília com a escrita: "Para: Mme. Chrysanthème".

Cenas 22 e 23

Carmen, sua mãe, pega a carta da frente da porta e, confusa, deixa a carta em cima da mesa.

Cena 24

Cecília chega com livros em seus braços e pega a carta de cima da mesa.

Cena 25

Cecília lê a carta de elogios com uma feição calma e de satisfação.

Cena 26

Cena de transição de alguns anos...

Representação do tempo passando com um vaso de flor desabrochando/florescendo.

Cenas 27, 28 e 29:

Chrysanthème termina de escrever um de seus livros de maior sucesso, Enervadas, e aperta a mão de um homem como sinal de contrato fechado.

Cenas 30 e 31

Uma jovem pega seu livro em uma estante de biblioteca e começa a ler com um olhar assíduo.

Cena 32

Chrysanthème atrás de uma pilha de livros, representando suas publicações que foram sucesso.

Cenas 33, 34, 35 e 36

Mulheres de diversas idades lendo seus livros.

Cena 37

Em roda, em um parque, mulheres comentam as obras de Mme. Chrysanthème, representando que a literatura ganhou mais espaço e mais voz.

Cenas 38 e 39

A câmera se aproxima da mão de Chrysanthème. Em sua mão há uma flor de crisântemo viva.



Narcisa Amália

Narcisa Amália: vozes em “Nebulosas” - um legado de resistência e poesia

A fluminense Narcisa Amália foi pioneira como poetisa, jornalista e ativista pelos direitos das mulheres e pela abolição da escravidão no Brasil. Nascida em 1852 em São João da Barra, publicou *Nebulosas*, em 1872, obra a qual fora elogiada por Machado de Assis e Dom Pedro II, que reúne poemas sobre emancipação feminina e justiça social.

Filha de um poeta e uma professora, aprendeu latim e francês ainda criança. Casou-se aos 14 anos, enfrentou a viuvez, uma separação e o estigma social, mas superou dificuldades financeiras e fixou-se no Rio de Janeiro, dedicando-se à escrita e ao ensino.

Além de *Nebulosas*, colaborou com jornais e revistas, escrevendo artigos que desafiavam o conservadorismo da época. Sua produção deu voz às mulheres e às diversas discussões sobre o tema da igualdade de gênero

Narcisa faleceu em 1924, com sua obra mergulhada no esquecimento por décadas. Em 2013, a Câmara de São João da Barra instituiu o Diploma Mulher Cidadã Narcisa

Amália. Hoje, estudiosos e leitores redescobrem seu legado como figura central na literatura e no ativismo brasileiro.

No projeto *Damas Literárias: Sob a Lente*, Narcisa Amália encarna a mulher que rompeu o silêncio patriarcal. Seus versos e sua trajetória reforçam a importância de resgatar vozes femininas silenciadas, conectando literatura, arte e resistência.

No dia 3 de abril de 1852, em São João da Barra, no Rio de Janeiro, nasceu Narcisa Amália. A Figura 33 ilustra Narcisa ainda bebê.

Figura 33 – Narcisa bebê



Fonte: Ilustração de Tauane Francine Fonseca Gomes.

No ano de 1863, ainda jovem, Narcisa mudou-se com os seus pais para a cidade de Resende, conforme ilustra a Figura 34.

Figura 34 – Chegada de Narcisa a Resende, RJ



Fonte: Ilustração de Isabelly de Sousa Diniz.

Aos 14 anos de idade, casou-se com o artista ambulante João Batista Silveira. Todavia, o marido veio a óbito (Figura 35).

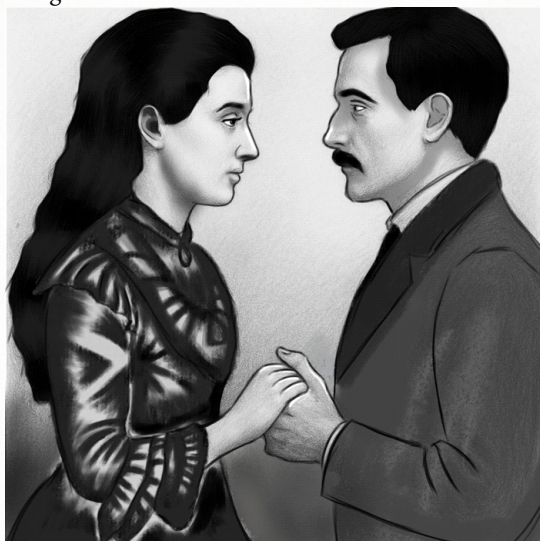
Figura 35 – Mãos simbolizando o luto por João Batista Silveira



Fonte: Ilustração de Tauane Francine Fonseca Gomes.

Posteriormente, casou-se novamente com Francisco Cleto da Rocha, aos 28 anos, mas essa união também foi breve, pois se divorciaram. A Figura 36 ilustra Narcisa com o seu segundo esposo, enquanto a Figura 37 representa o momento da separação.

Figura 36 – Narcisa e Francisco Cleto da Rocha



Fonte: Ilustração de Lucas Eduardo Fernandes da Silva.

Figura 37 – Momento da separação entre Narcisa e Francisco



Fonte: Ilustração de Tauane Francine Fonseca Gomes.

Após a separação, Narcisa mudou-se para o Rio de Janeiro, onde se dedicou à escrita e ao ensino. A Figura 38 ilustra o momento da sua chegada ao Rio de Janeiro.

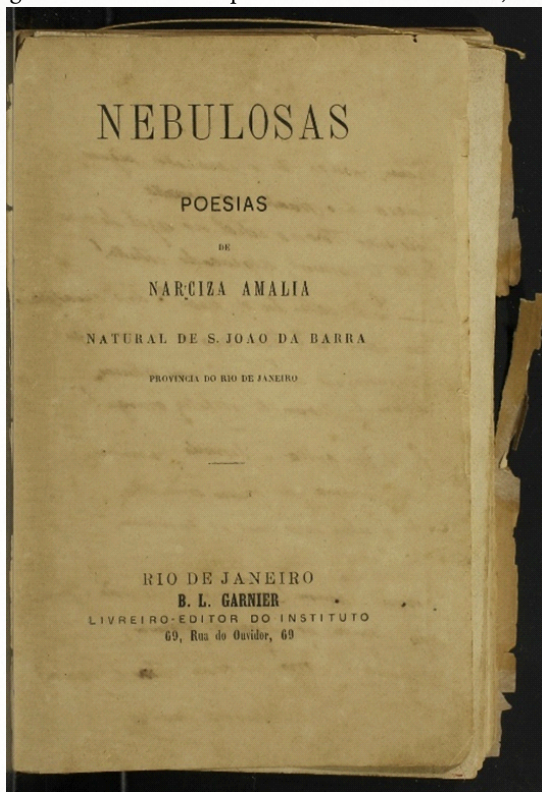
Figura 38 – Chegada de Narcisa ao Rio de Janeiro



Fonte: Ilustração de Emanuelle Candido Pimenta.

Narcisa Amália publicou sua única obra, intitulada *Nebulosas*, em 1872, um livro de poesias publicado pela Editora B. L. Garnier (Figura 39).

Figura 39 – Nebulosas: poesias de Narciza Amalia, 1872



Fonte: Editora B. L. Garnier [Nebulosas: poesias de Narciza Amalia, natural de S. Joao da Barra, Provincia do Rio de Janeiro] - acervo da Biblioteca Brasileira Guita José Mindlin/USP.

Narcisa Amália faleceu em 24 de junho de 1924, no Rio de Janeiro, após uma vida marcada por lutas pessoais e profissionais. A Figura 40 ilustra Narcisa velhinha, deitada numa cama com um olhar vazio e sofrido.

Figura 40 – Narcisa velhinha



Fonte: Ilustração de Ana Vitória Farias Vicente.



Emília Moncorvo Bandeira de Mello

Emília Moncorvo: Carmen Dolores

Emília Moncorvo Bandeira de Mello nasceu no Rio de Janeiro, por volta de 1852, durante o período do Brasil Império. Em 1887, aos 35 anos, já era viúva e mãe de quatro filhos.

Quando o marido ainda era vivo, escrevia alguns textos de forma despretensiosa, até que um deles chegou às mãos do jornalista Alcindo Guanabara, que logo pediu permissão para publicá-lo. Emília concordou, com a condição de usar um pseudônimo – afinal, para uma mulher casada daquela época, escrever em público ainda era um desafio. Entre várias opções, ela escolheu assinar como “Carmen Dolores”. Após a morte do marido, foi ela quem procurou Alcindo e se ofereceu para trabalhar como cronista do jornal.

Na estrutura social da época, era extremamente difícil para uma mulher conseguir empregos considerados “masculinos”. Mesmo assim, Carmen Dolores se destacou: sua habilidade, sagacidade e objetividade superaram as de muitos cronistas de seu tempo. Isso lhe rendeu reconhecimento e uma remuneração acima da média. No entanto, muitos leitores e críticos não acreditavam que uma mulher

pudesse escrever com tanta força. A mentalidade ignorante da época fazia com que presumissem que por trás daquele pseudônimo estivesse um homem – o que levou alguns autores a afirmarem que “Carmen Dolores foi não *a*, mas *o* cronista mais ousado e bem pago do Brasil.”

Pode-se notar que em suas obras – como nos contos reunidos em *Um drama na roça*, publicado em 1907 – Carmen Dolores focava suas energias nas personagens femininas. Ela não se limitava a uma única classe social, mas retratava uma ampla diversidade de mulheres, cada uma com suas próprias complexidades. Com isso, suas narrativas transmitiam e denunciavam, de forma sutil e poderosa, as injustiças enfrentadas pelas mulheres, o que se tornou uma marca do seu estilo literário.

No entanto, exatamente por ser uma voz feminina combativa em uma época de tanta opressão – e mais tarde, também silenciada pelos modernistas –, sua obra foi cercada de estigmas. Muitos passaram a considerá-la “menor” ou “infrutífera” para a literatura. Assim, a história de uma das maiores cronistas do país foi empurrada à força para o esquecimento. A história de Emília Moncorvo Bandeira de Mello, cujo nome de guerra era Carmen Dolores.

Apesar de a escrita de livros não ter sido sua prioridade, Carmen Dolores sempre teve um público fiel que aguardava ansiosamente por seus textos. Sua sagacidade, dedicação e talento literário eram inegáveis – e mesmo dentro de uma sociedade profundamente machista, ela chegou a ser reconhecida, ainda que minimamente, pelo seu trabalho. Seu único livro, *A luta*, foi publicado somente em 1911, um

ano após sua morte, aos 58 anos. A edição ficou a cargo de sua filha, a também escritora Chrysanthème. Apesar disso, a obra caiu no esquecimento por décadas, até ser relançada comercialmente em 2001 e incluída na Coleção Folha Clássicos da Literatura. Foi assim que a história de Carmen Dolores pôde, enfim, renascer.

Carmen não é só uma cronista qualquer. Foi uma mulher de revolução, sempre inovando e desafiando os sistemas opressores, resistindo aos desafios da vida e demonstrando sua força por meio de suas conquistas. Seu pseudônimo, utilizado como um grito de guerra na época – antes, para escondê-la das ameaças –, hoje carrega a força de quem abriu caminho. Um nome que inspira outras mulheres a não precisarem mais se esconder, mas sim se assumirem por inteiro, com suas vozes, suas complexidades e suas próprias histórias a escrever.



Roteiro

Cenas

Cena 1

Menina (Emília criança) olha pela janela, com sua cabeça para o lado de fora e seus cabelos soprados pela leve brisa, observa o mundo exterior com um olhar sonhador e com um leve sorriso estampado em seu rosto.

Cenas 2 e 3

Emília escreve em seu caderno, escondida em seu quarto, com a fraca luz de uma vela até de madrugada, olhando em direção à porta, com receio de ser descoberta.

Uma cena demonstrando o tempo passando, simbolizando que Emília se perdia em suas histórias.

Na cena 2, ela está deitada no chão e escrevendo ao lado de uma vela. Na outra cena (3), podemos mostrar a vela apagada, quase no fim da cera, com a luz do sol iluminando sua cabeça e seu caderno onde escrevia, estando ela rodeada de folhas espalhadas a sua volta.

Cenas 4, 5 e 6

Emília está sentada a uma mesa com uma pilha de livros e, ao longo das 3 cenas, vai aparecendo, como se o tempo estivesse passando, seu marido e seus quatro filhos com expressões sérias, como se fosse uma foto antiga. Emília está com sua cabeça abaixada, olhando para os livros.

Cenas 7, 8 e 9

Emília, escrevendo de forma despretensiosa – com uma mão a apoiar sua cabeça e a outra a escrever – em um escritório com livros e papéis sob uma mesa (7), é convidada a conversar com um jornalista (8) e, após essa conversa, ela entrega um texto timidamente ao jornalista Alcindo Guanabara (9). Simbolização do momento em que o jornalista pediu permissão para publicar seus textos quando os encontrou, e do marco de um novo mundo se abrindo para Emília.

Cenas 10 e 11

Alcindo entrega uma caneta a Emília e ela assina um papel com o nome de Carmen Dolores, criando assim, o pseudônimo.

Cenas 12, 13 e 14

O marido de Carmen Dolores morre. Uma cena de Carmen sozinha, ajoelhada e chorando no chão (gramado) e, logo em seguida, um de seus filhos aparece e a abraça.

Cenas 15

Carmen Dolores, sentada entre homens, escrevendo com intensidade. Todos a olham com surpresa.

Cenas 16 e 17

Alguns homens estão sentados em um café lendo jornais. Um deles aponta para um texto escrito por Carmen Dolores e os outros olham com expressão de choque.

Cenas 18, 19 e 20

Mulheres de diferentes classes sociais leem trechos das crônicas de Carmen Dolores.

Cenas 21, 22, 23, 24, 25 e 26

Uma jovem, vestida com roupas típicas da época, está em uma sala escura, quase vazia, iluminada apenas pela luz de uma fraca chama de vela, que está sobre uma mesa simples. Nessa mesa, ela segura um livro de Carmen Dolores.

Sentada, começa a ler o livro com uma expressão neutra, quase desinteressada. Aos poucos, algo no texto a toca: seus olhos se arregalam em surpresa, seu corpo se inclina para frente. Ela se levanta ainda com o livro nas mãos, carregando no rosto um misto de surpresa, espanto e identificação.

A jovem apoia as duas mãos na mesa, fixando o olhar nas palavras ainda mais, como se tentasse investigar aquilo que a inquietou. Depois, a vemos distante, olhando em direção a uma

janela iluminada com luz natural do sol, que atravessa a vidraça, sugerindo um momento de revelação interna.

A câmera, então, focada ao fundo, modifica o foco para perto da mesa, onde a cena ocorria antes, mostrando o livro que repousa sozinho sobre a mesa. Agora, sobre uma das páginas, repousa um espelho. O reflexo no espelho sugere que, ao ler Carmen Dolores, a mulher se viu – reconheceu suas cores, seus sentimentos, seu reflexo, sua própria existência.

Cenas 27 e 28

Corte de tempo. Alguém observa o livro de Carmen Dolores, depois de publicado, com um olhar de entusiasmo e motivação. Tudo isso acontece em uma biblioteca.

Cena 29

O livro de Carmen Dolores é esquecido. A cena mostra a capa envelhecida de A luta, com poeira sobre ela.

Cenas 30 e 31

Livros sendo empilhados e encobertos por outros mais “modernos”. Alguém fecha um armário com a obra de Carmen Dolores dentro.

Cena 32

Mulher moderna folheia o livro relançado (edição de 2001). Ela sorri emocionada.

Cenas 33, 34 e 35

O livro do armário também é pego. Na cena, mulheres diversas estão lendo e escrevendo, enquanto outras se empenham em limpar o livro antigo e investigá-lo com o olhar. Uma voz coletiva se forma em gestos e olhares, expressões de lágrimas e risos.

Cartela final: "Carmen Dolores abriu caminhos. Hoje, outras escrevem sem se calar."

Referências consultadas

ANTONIO, Livia Guida. Carolina Maria de Jesus: uma intérprete do Brasil. **Politize**, 10 de janeiro de 2024.

Disponível em: <https://www.politize.com.br/carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

ARIOTTI, Kimberli Sabino. Carolina Maria de Jesus: conheça a vida e a obra da autora. **Aprova Total**, 30 de abril de 2024. Disponível em: <https://aprovatotal.com.br/carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 2 out. 2024.

AUTA de Souza. **Espiritismo.tv**. Disponível em: <https://espiritismo.tv/Vocabulario/auta-de-souza/>. Acesso em: 28 nov. 2024.

CASTRO, Ruy. Renasce Carmen Dolores. **Academia Brasileira de Letras**, 13 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.academia.org.br/artigos/renasce-carmen-dolores>. Acesso em: 5 abr. 2025.

CENTRAL ESPÍRITA AUTA DE SOUZA. Breve Relato sobre a vida literária de Auta de Souza. **Central Espírita Auta de Souza**. Disponível em: <https://autadesouza.com.br/auta-de-souza/>. Acesso em: 24 nov. 2024.

CENTRO ESPÍRITA. Biografia de Auta de Souza. **O Centro Espírita**. Disponível em: <http://ocentroespirita.com/centroespirita/biografia-auta-de-souza.php>. Acesso em: 28 nov. 2024.

CHAGAS, Lais Oliveira Silva. Entre ficção e vida: apresentando Carmen Dolores. In: VII Seminário do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira FFLCH-USP, São Paulo, 2021. **Anais [...]**. p. 75-80. Disponível em: <https://literaturabrasileira.ffiich.usp.br/VII-Seminario>. Acesso em: 5 abr. 2025.

D'ANGELO, Helô. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. **Revista Cult**, 10 de novembro de 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em: 11 out. 2024.

DOS SANTOS, Ana Paula Araujo; ALVES, Lais. O gótico de Mme Chrysanthème: crimes e mentes perturbadas em A mulher dos olhos de gelo (1935). **Caderno Seminal**, n. 39, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/58298>. Acesso em: 2 dez. 2024.

FENSKE, Elfi Kürten. Auta de Souza - seus versos e traços de sua vida breve. Templo Cultural Delfos, 12 de junho de 2013. Disponível em: <https://www.elfikurten.com.br/2013/05/auta-de-souza.html>. Acesso em: 26 nov. 2024.

FORTES MAIA, Mariana. Enervadas, de Mme. Chrysanthème: um simulacro autobiográfico. **Revista de Letras – Juçara**, v. 4, n. 1, p. 59–75, 2020. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/2216>. Acesso em: 29 nov. 2024.

GENS, Rosa. Cecília Vasconcelos e as modernas mulheres: a figuração de Chrysanthème. In: XV Encontro Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC), v. 15, p. 1112-1119, 2016. **Anais [...]**. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491260585.pdf. Acesso em: 1 dez. 2024.

IFSP. Quem foi “Maria Firmina dos Reis”. **Instituto Federal de São Paulo**, campus Itaquaquecetuba.

Disponível em: <https://itq.ifsp.edu.br/index.php/quem-foi-maria-firmina-dos-reis>. Acesso em: 11 out. 2024.

IMS. Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros.

Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://ims.com.br/eventos/curso-carolina-maria-de-jesus-um-brasil-para-os-brasileiros/>.

Acesso em: 22 jul. 2025.

IMS. Carolina Maria de Jesus. **Instituto Moreira Salles**.

Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/carolina-maria-de-jesus/>. Acesso em: 27 set. 2024.

INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Auta de Souza.

Geledés, 12 de julho de 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/auta-de-souza/>.

Acesso em: 28 nov. 2024.

JESUS, Vera Eunice de. Biografia: Carolina Maria de

Jesus. **Instituto Moreira Salles**. Disponível em: <https://carolinamariadejesus.ims.com.br/biografia/>.

Acesso em: 28 set. 2024.

LITERAFRO. Maria Firmina dos Reis. **UFMG**:

Literafró. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>.

Acesso em: 11 out. 2024.

LITERAFRO. Carolina Maria de Jesus. **UFMG**:

Literafró, 11 de abril de 2025. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>.

Acesso em: 27 set. 2024.

MARIA Firmina dos Reis. Publicado pelo canal Literafró.

[S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AjaF1TNw71M>.

Acesso em: 11 out. 2024.

MATIAS, Erick. Sétima arte: cinema mudo. **O Maringá**, 4 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://omaringa.com.br/coluna/diversidades/setima-arte-cinema-mudo/>. Acesso em: 22 set. 2024.

PACHECO, Gustavo. Antes de tudo, Madame Chrysanthème. **O Globo**, Época, 2 de maio de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/antes-de-tudo-madame-chrysantheme-23636733>. Acesso em: 1º dez. 2024.

PRADO, Luiz. “Carolina Maria de Jesus é referência para quem contesta o poder”. **Jornal da USP**, 17 de março de 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/carolina-maria-de-jesus-e-referencia-para-quem-contesta-o-poder/>. Acesso em: 28 set. 2024.

QUEM FOI Maria Firmina dos Reis, a autora da obra Úrsula. Publicado pelo canal Literatura com Alencar. [S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (6 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H42amIZTm4M>. Acesso em: 11 out. 2024.

SAID, Tabita. Para conhecer um Brasil de brasileiros, Carolina Maria de Jesus em quatro atos. **Jornal da USP**, 14 de março de 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/para-conhecer-um-brasil-de-brasileiros-carolina-maria-de-jesus-em-quatro-atos/>. Acesso em: 28 set. 2024.

SILVEIRA, Mauro César. Muito prazer, meu nome é Maria Cecília. **Jornalismo e História**, 31 de julho de 2020. Disponível em: <https://jornalismoehistoria.sites.ufsc.br/2020/07/31/muito-prazer-meu-nome-e-maria-cecilia/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SOARES, Lenin Campos. Auta de Souza – lugar de mulher é na literatura. **Natal das Antigas**, 6 de abril de

2019. Disponível em: <https://www.nataldasantigas.com.br/blog/auta-de-souza>. Acesso em: 25 nov. 2024.

SOCIEDADE DE DIVULGAÇÃO ESPÍRITA AUTA DE SOUZA. Conheça a vida e obra de Auta de Sousa.

Sociedade de Divulgação Espírita Auta de Souza.

Disponível em: <https://www.autadesouza.org.br/conheca-a-vida-e-obra-de-auta-de-souza/>. Acesso em: 27 nov. 2024.

SOUZA, Andréia Dias de *et al.* **Damas Literárias:** pelo reconhecimento da escrita feminina apagada pela história – volume 1. Campo Grande: Editora Ecodidática, 2023.

Disponível em: <https://editoraecodidatica.com.br/damas-literarias-escrita-feminina-apagada-pela-historia-vol-1-editora-ecodidatica>. Acesso em: 2 out. 2024.

TEMPOS Modernos. Direção de Charles Chaplin. Estados Unidos: United Artists, Charlie Chaplin Productions, 1936. 1 filme (87 min).

VIEIRA, Luciana M. da; SILVA, Maria de Lourdes da.

Feminismo segundo Chrysanthème no livro Famílias...

In: IV Colóquio Internacional – Educação, Cidadania e Exclusão: Didática e Avaliação, Rio de Janeiro: UERJ, jun. 2015. **Anais [...]**. Campina Grande: Editora Realize, 2015.

Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/ceduce/2015/TRABALHO_EV047_MD1_SA8_ID86_05052015113317.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

Agradecimentos e encerramento

Este livro faz parte do projeto Damas Literárias: Sobre a Lente do Cinema Mudo, criado para dar voz a mulheres silenciadas pela história. Ele foi desenvolvido com muito empenho, sensibilidade e pesquisa.

Cada página, cada análise e cada biografia foram pensadas com cuidado para honrar as trajetórias retratadas. A escrita deste material envolveu horas de pesquisa, revisão e escrita criativa. Mais que um trabalho acadêmico, este livro é um ato de resistência, memória e arte.

Agradecemos à nossa orientadora – Andreia Dias de Souza – pelo apoio constante, pela escuta atenta e pelo direcionamento crítico ao longo de todo o percurso. Sua confiança foi essencial para chegarmos até aqui.

Também agradecemos aos ilustradores, bolsistas e voluntários, em especial a Tauane Francine – bolsista do projeto – que esteve conosco durante toda essa jornada, sempre empenhada. As artes de todos deram vida visual ao

projeto, traduzindo sentimentos e atmosferas com delicadeza, sem perder a fidelidade aos registros históricos.

Toda a equipe se dedicou intensamente, mas a construção textual e a curadoria dos conteúdos ficaram sob responsabilidade direta de José Victor Simão Gomidi e João Guilherme Pereira Amante, bolsistas do projeto.

Agradecemos também a todos os ilustradores que se empenharam em fazer esta obra possível: Lucas Eduardo Fernandes da Silva; Emanuelle Candido Pimenta; Ana Vitória Farias Vicente; Maria Isabel Moura Teixeira; Tauane Francine Fonseca Gomes; Isabelly de Sousa Diniz e Cássio dos Santos Ambrósio Porto.

Por fim, agradecemos a você – leitor – que folheia estas páginas e escuta as vozes aqui traduzidas. Que este livro inspire a sua reflexão, empatia e a certeza de que a arte pode ser um instrumento de mudança e resistência.

Sobre os autores

Andréia Dias de Souza: Doutora em Estudos Linguísticos
Professora EBTB IFMS, *campus* Campo Grande.

João Guilherme Pereira Amante: Sou João Guilherme, um dos bolsistas do projeto, tenho 16 anos, sou aluno do Curso Técnico Integrado em Administração no IFMS e atuei na parte da escrita de roteiros e elaboração do projeto. Acredito que a arte, seja ela verbal ou não verbal, como retratado no nosso projeto, tem o poder de comunicar, dar voz a sentimentos e contar histórias. Nosso projeto faz justamente isso, dar voz às autoras que foram silenciadas ao longo da história, e poder fazer parte desse projeto, é incrível!

José Victor Simão Gomidi: Olá! Sou um dos bolsistas do projeto Damas Sob a Lente, tenho 16 anos e assim como meus amigos – João e Francine –, estudo no *campus* Campo Grande do IFMS, no Curso Técnico Integrado em Administração. Sinto que projetos como este ampliam horizontes, e melhoram o nosso pensamento crítico a respeito de pautas sociais como as que tratamos aqui, sobre o silenciamento da literatura feminina. Sempre tive um afimco

pela literatura, e tive uma oportunidade de explorar esse ambiente junto com meus colegas bolsistas sob a orientação da professora Andréia. A jornada foi quase que mágica, mas no final, um pouco corrida, mas valeu a pena.

Tauane Francine Fonseca Gomes: Sou Tauane Francine, uma das bolsistas do projeto, tenho 15 anos e estou neste projeto desde do início. Sou estudante de Administração no IFMS e atuei na parte da ilustração e organização do projeto. A arte sempre foi uma forma da humanidade de expressar tudo aquilo que sente, não se mantendo somente no campo da realidade, mas sim como manifestação de todas as possibilidades de mundo que existem, até aqueles que antes eram considerados inexistentes ou não conhecidos. Tornar essas possibilidades conhecidas é um dos focos do nosso projeto.

Ilustradores

Ana Vitória Farias Vicente

Cássio dos Santos Ambrósio Porto

Emanuelle Candido Pimenta

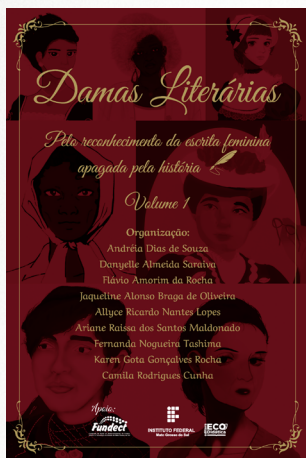
Isabelly de Souza Diniz

Lucas Eduardo Fernandes da Silva

Maria Isabel Moura Teixeira

Tauane Francine Fonseca Gomes

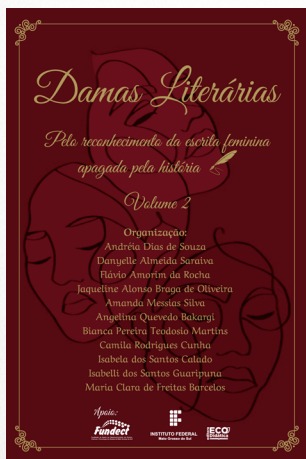
Confira também



Damas literárias: pelo reconhecimento da escrita feminina apagada pela história, volume 1



<https://editoraecodidatica.com.br/damas-literarias-escrita-feminina-apagada-pela-historia>



Damas literárias: pelo reconhecimento da escrita feminina apagada pela história, volume 2



<https://editoraecodidatica.com.br/damas-literarias-pelo-reconhecimento-da-escrita-feminina-apagada-pela-historia-volume-2>



INSTITUTO FEDERAL

Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande

editora
ECO
Didática®



<https://editoraecodidatica.com.br>

ISBN 978-65-85640-17-6



9 786585 640165

DAMAS SOB A LENTE



AUTORES ORGANIZADORES:

ANDRÉIA DIAS DE SOUZA

JOÃO GUILHERME PEREIRA AMANTE

JOSÉ VÍCTOR SIMÃO GOMIDI

TAUANE FRANCINE FONSECA GOMES



INSTITUTO FEDERAL
Mato Grosso do Sul
Campus Campo Grande

editora **Eco**
Didática



1.876-1.901

AUTA DE SOUZA

AUTA DE SOUZA

1.876-1.901